IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

(IM)POSSIBILIDADES DO CONCEITO DE ATIVIDADE NO COMPORTAMENTISMO RADICAL

Christian Silva dos Reis (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

Contato: csreis_br@hotmail.com

Palavras-chave: Atividade. Comportamento Operante. Self. Comportamentalismo Radical.

A Análise do Comportamento, ciência pautada pela filosofia comportamentalista radical, adota o comportamento como objeto de estudo. Diferentemente das doutrinas mentalistas tradicionais de explicação do comportamento, o Comportamentalismo Radical segue em outra direção na análise das relações entre mente e comportamento.

Segundo Carvalho Neto et. al. (2012), o mentalismo utiliza aparatos mentais não-físicos para explicar as causas dos comportamentos, os considerando, deste modo, apenas sintomas desta esfera interna. Chiesa (2006) lista três pontos tradicionais de explicação mentalista do comportamento, sendo o primeiro referente a traços internos, tais como codificação, armazenagem, escolha, discriminação etc.; o segundo relacionado a eventos internos diversificados como, por exemplo, expectativas e desejos; e o terceiro concernente a um eu interno existente por trás do comportamento. Para melhor designar os preceitos do mentalismo, Skinner (1971) denomina Eu-iniciador tal substância emissora de comportamentos e argumenta que, no mentalismo, as explicações do comportamento não identificadas no mundo físico transportam-se para uma esfera interna.

Apesar de existirem justificativas para a explicação mentalista (CARVALHO NETO et. al., 2012), Skinner (1965, 1967, 1971, 1991, 2007) apresenta sua crítica à doutrina, apontando, entre outras coisas, que as explicações do comportamento baseadas em uma mente substancial não seriam a melhor forma de se produzir conhecimento, uma vez que caracterizariam explicações circulares do fenômeno comportamental, ilustrando, deste modo, apenas “ficções explicativas” (CARVALHO NETO et. al., 2012, p. 22). É o caso, por exemplo, de usar um traço, que descreve perfis individuais, como se fosse a causa dos comportamentos com base nos quais o próprio traço é inferido.

nomes de traços geralmente começam como adjetivos - ‘inteligente’, ‘agressivo’, ‘desorganizado’, ‘bravo’, ‘introvertido’, ‘esfomeado’, e assim

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

por diante – mas o resultado quase inevitável da linguística é o de que adjetivos fazem nascer substantivos. As coisas as quais tais substantivos se referem são ditas como sendo as causas ativas dos aspectos. Começamos com ‘comportamento inteligente’, passamos primeiro para ‘comportamento que *mostra* inteligência’, e então para ‘comportamento *que é efeito* da inteligência.’ De modo similar, começamos a observar uma preocupação com um espelho, o que nos remete à lenda de Narciso; inventamos o adjetivo ‘narcísico,’ e então o substantivo ‘narcisismo’; e finalmente declaramos que a coisa que o que presumivelmente era referida pelo substantivo é a causa do comportamento com o qual começamos. No entanto, em nenhum momento do processo fazemos contato com qualquer evento que esteja fora do próprio comportamento que justifique a alegação de conexão causal. (SKINNER, 1965, p. 202, tradução nossa, grifos do autor)

É também defendido por Skinner (1976, p. 19-20, tradução nossa) que medidas de explicação mentalista paralisam a pesquisa: “quando o que uma pessoa faz é atribuído ao que está ocorrendo dentro dela, a investigação é levada a um fim”. Ademais, Skinner (2007) argumenta que direcionar o olhar a uma instância interna, dando a ela mais atenção do que aos fatores externos, pode incorrer em sérias implicações sociais, como a culpabilização do indivíduo pelo seu sucesso ou fracasso na sociedade.

Neste ponto, é preciso lançar luz sobre a filosofia comportamentalista radical no sentido de melhor compreendê-la. Laurenti e Leão (2010) argumentam que o comportamentalismo skinneriano recebe o rótulo de radical, pois apenas variáveis de natureza comportamental são utilizadas na explicação do comportamento, caracterizando-o como um “objeto de estudo autônomo” (LAURENTI; LEÃO, 2009, p. 168). Ainda nessa direção, as autoras ressaltam que as acepções skinnerianas acerca do mentalismo procuram não negar a mente, mas entendê-la em termos comportamentais (LAURENTI; LEÃO, 2009), o que quer dizer que todos os fenômenos mentais, quando vislumbrados através da ótica comportamentalista, são entendidos como comportamentos.

Skinner (2007) define o comportamento como sendo a relação entre organismo e mundo. Tourinho (2006) complementa essa concepção afirmando que as relações comportamentais são relações entre homens e eventos ocorridos no mundo físico e social no qual o indivíduo está inserido. Abib, Laurenti e Lopes (2012, p. 86) caminham nessa direção ao argumentar que a “ciência do comportamento é justamente isto: o estudo da relação indissociável da ação com o mundo”. Claro fica o modo como o Eu-iniciador vai perdendo espaço na explicação do comportamento, cedendo lugar para o papel do ambiente: “como uma ciência do comportamento adota a estratégia da física e da biologia, o agente autônomo, que outrora era tradicionalmente atribuído ao comportamento, é substituído pelo ambiente”

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

(SKINNER, 1971, p. 184, tradução nossa).

A transferência da explicação do comportamento do eu iniciador para o ambiente abriu o flanco para que críticas fossem endereçadas à filosofia comportamentalista radical, atribuindo a ela a pecha de ambientalista, subscrevendo um papel passivo do homem ante as determinações inexoráveis do ambiente (CARRARA, 2005).

No entanto, Abib, Laurenti e Lopes (2012) argumentam que o rótulo ambientalista desemboca no mesmo problema do rótulo mentalista: uma cisão entre homem e mundo, que os concebe separados. É preciso, então, que se olhe para Skinner com cautela. A frase inaugural do livro *O Comportamento Verbal* parece ir contra essa crítica endereçada ao Comportamentalismo Radical, no sentido de atrelar ao homem as ações que modificam o mundo: “Os homens agem sobre o mundo modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação” (SKINNER, 1978, p. 1).

A conceituação skinneriana de comportamento operante é outro ponto importante, que vai de encontro à crítica que alega a passividade do homem, dirigida à Análise do Comportamento. Skinner define o comportamento operante como aquele no qual há uma relação recursiva entre ação e consequências; tal recursividade estabelece o campo do propósito e da intenção. É preciso, contudo, olhar com cuidado para tal ilação: caracterizam-se propósito e intenção não no sentido teleológico dos termos, no qual há uma ‘vontade’ interna ao indivíduo que o direciona ao futuro. Há, isto sim, uma direcionalidade do agir em função de consequências passadas que foram provavelmente reforçadoras. Skinner (1965, p. 87, tradução nossa, grifos do autor) afirma que:

ao invés de dizer que um indivíduo se comporta por causa das consequências que *seguirão* seu comportamento, nós simplesmente dizemos que ele se comporta por causa das consequências que *seguiram* comportamentos similares no passado.

Com efeito, instaura-se uma ambiguidade na obra de Skinner: se, de um lado, por parte das críticas endereçadas ao Comportamentalismo Radical (CARRARA, 2005), existe a defesa da passividade do homem em relação ao ambiente ativo e determinante, de outro, com a noção de comportamento operante, Skinner parece patrocinar a atividade do indivíduo, defendendo a mudança ambiental a partir das ações do próprio homem.

Pautando-se nessas discussões, esta pesquisa tem por objetivo discutir a possibilidade de um sujeito ativo na filosofia comportamentalista radical. Para isso, será realizada uma pesquisa de cunho conceitual, que será dividida em três etapas sequenciais. A primeira etapa

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

será composta pela seleção dos textos skinnerianos a serem analisados com base na consulta nos índices remissivos de seus livros. A busca dos textos será pautada pelas seguintes palavras-chave: *action*, *act*, *intention*, *autonomous man*, *activity* e *self*. A segunda etapa propor-se-á a sistematizar em uma tabela os dados que forem encontrados na seleção concluída na primeira etapa. A terceira etapa irá, por sua vez, levantar categorias temáticas com base na análise dos dados compilados na tabela, com o objetivo de esclarecer as eventuais ambiguidades skinnerianas acerca da problemática em tela, contando ainda com a elaboração de um texto que possa pontuar as (im)possibilidades de acepção de um sujeito ativo na filosofia comportamentalista radical.

Com a realização desta pesquisa pretende-se alcançar avanços no desenvolvimento da filosofia comportamentalista radical. Há o intuito de esclarecer a ambiguidade presente no texto skinneriano e, conseqüentemente, estabelecer um lugar mais definido da Análise do Comportamento diante das críticas a ela dirigidas. Verifica-se, também, a importância da realização do estudo na direção de melhor entender questões concernentes à liberdade e à responsabilidade, ambas derivadas das questões referentes à atividade do sujeito. É também pertinente se pensar na melhor preparação e execução do ensino da teoria analítico-comportamental com base nos progressos obtidos na realização deste trabalho, já que os analistas do comportamento são constantemente interpelados sobre a concepção de homem que subjaz tanto ao *corpus* científico Análise do Comportamento, quanto às estratégias de intervenção pautadas nessa ciência.

Referências

ABIB, J; LAURENTI, C; LOPES, C. E. Homem complexo. In: _____ **Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical**: mundo, homem e ética. Santo André: ESETec Editores Associados, 2012. cap. 3. p. 85-130.

CARRARA, K. Crítica e metacrítica: temáticas e contextos relevantes. In: _____ **Behaviorismo radical**: crítica e metacrítica. São Paulo: Editora UNESP, 2005. Cap. 6. p. 147-362.

CARVALHO NETO, M. B.; TOURINHO, E. Z.; ZILIO, D. et. al. B. F. Skinner e o mentalismo: uma análise histórico-conceitual (1931-1959). **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 22, p. 13-39, abr. 2012.

CHIESA, M. As concepções de causa. In: _____ **Behaviorismo radical**: a filosofia e a ciência. Traduzido por Carlos Eduardo Cameschi. Brasília: Editora Celeiro, Brasília: IBAC editora, 2006. cap. 5. p. 96-121.

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

LAURENTI, C.; LEÃO, M. F. F. C. Uma análise do modelo de explicação no behaviorismo radical: o estatuto do comportamento e a relação de dependência entre eventos. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 165-174, jan.-jun. 2009.

LOPES, C. E. O behaviorismo radical. In: FERREIRA, A. A. L. (Org). **A pluralidade do campo psicológico**: principais abordagens e objetos de estudo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. p. 91-108.

SKINNER, B. F. **About behaviorism**. New York: Vintage Books, 1976.

_____. **Beyond freedom and dignity**. Indianapolis: Hackett publishing Company, Inc., 1971.

_____. Uma análise funcional do comportamento verbal. In: _____ **O comportamento verbal**. Traduzido por M. P. Villalobos. São Paulo: Editora Cultrix-Edusp, 1978. cap. 1. p. 3-13.

_____. O eu iniciador. In: _____ **Questões recentes na análise comportamental**. Traduzido por Anita Liberalesso Néri. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1991. cap. 3. p. 43-52.

_____. Function versus aspect. In: _____ **Science and human behavior**. New York: The Free Press, 1965. cap. 13. p. 194-203.

_____. Seleção por consequências. Traduzido por Carlos Renato Xavier Cançado, Paulo Guerra Soares e Sérgio Cirino. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n.1, 129-137, 2007.